Capítulo XV — União do homem com o novo Adão; seus meios e seu fim

Unido ao novo Adão pela fé, que diviniza sua inteligência; pela esperança, que diviniza sua vontade; pela comunhão, que, segundo a expressão dos Padres, diviniza seu ser inteiro, tem ainda o homem algo a desejar ou a fazer? Sem dúvida. Esse Deus que recebe, mas apenas de passagem e oculto sob véus, esses novos céus, essa nova terra da eternidade, todos esses bens sobrenaturais que a fé lhe mostra ao longe e que a esperança lhe promete, ele tende, com uma força invencível, a possuí-los de maneira completa e permanente; a identificar-se com eles, a fim de tornar-se rico de todas as suas riquezas, feliz de todas as suas felicidades, perfeito de todas as suas perfeições, e a nunca mais separar-se deles.

Não lhe basta crer, esperar, possuir imperfeitamente e de passagem: quer gozar plenamente, gozar eternamente; pois o gozo é a união, e a união é o amor; e o amor é a mais nobre, a mais imperiosa, a primeira e a última necessidade do homem, o primeiro e o último preceito do novo Adão, o fim da Lei e dos Profetas, o termo da fé e da esperança, o laço supremo da perfeição na terra e a essência da felicidade no céu. Daí esta bela palavra de São Bernardo:

> *É com razão que o Apóstolo define a fé: a substância das coisas que se esperam. Com efeito, é tão impossível esperar o que não se crê quanto pintar no vazio. Assim, a fé diz: Deus preparou bens inefáveis para seus fiéis. A esperança diz: Eles me estão reservados. A caridade diz: Corro a tomar posse deles*[1].

Vê-se agora que a fé e a esperança não são senão meios de chegar à caridade; é, pois, evidente que o homem não pode nem deve ficar nessas duas virtudes: o novo Adão o chama a uma união mais perfeita. Quanto à própria comunhão, ela é um meio, não um fim; é um alimento destinado a tornar o homem capaz de trabalhar, reparando-lhe as forças. O homem, aqui embaixo, é um operário cuja jornada não está terminada. Quando, pois, se enfraqueceu na luta do bem, no trabalho da virtude, vem tomar novo vigor comungando; depois, ao sair da mesa divina, todo ardente de ardor, volta ao trabalho, e seu trabalho é o amor em ação; pois o amor não consiste apenas na contemplação das perfeições de Deus, mas também no cumprimento de sua vontade. Diz São João:

>

> *Porque este he o amor de Deos, que guardemos os seus mandamentos: e os seus mandamentos não são custosos*[2].

Eis por que a caridade sucede à fé e à esperança, o Decálogo aos sacramentos e ao Símbolo.

Ora, se o Símbolo é o tutor de nossa débil razão e o princípio regenerador de nossos pensamentos, o Decálogo é a salvaguarda de nosso coração e o princípio regenerador de nossos afetos. É como um imenso benefício que devemos encarar cada um dos mandamentos. Com efeito, o amor humano, degradado pela queda primitiva, tende a prostituir-se a tudo o que lhe é inferior. Não somente o paganismo antigo e moderno, mas também, no próprio cristianismo, o homem que deixa de ser cristão dá-lhe a prova humilhante. Depois, quando nosso pobre coração, semelhante a esses sacerdotes dos ídolos que procuravam os segredos do Céu nas entranhas palpitantes das vítimas, escrutou todas as criaturas, escavou todas as volúpias para achar a felicidade, é forçado a exclamar: Vaidade! mentira! aflição! Desengano cruel, tortura pavorosa, de que o divino Reparador quis libertá-lo, chamando-o aos únicos objetos dignos de sua afeição.

Por isso, todos os seus preceitos se reduzem a dois: o amor de Deus e o amor do próximo por amor de Deus. Amor de Deus! grande necessidade do homem, primeira lei de seu ser, precioso tesouro roubado pela Cobra ladra[3]; mas reconquistado pelo novo Adão e devolvido à raça humana para fazer sua felicidade e sua glória no tempo e na eternidade, descendes até nós pelo Decálogo. Esse código sagrado é a lei orgânica da caridade: regulá-la em sua manifestação e protegê-la contra tudo o que poderia diminuí-la ou extingui-la, tal é o seu fim.

Daí, no Decálogo, duas espécies de preceitos: os preceitos afirmativos e os preceitos negativos. Pelos primeiros, o novo Adão nos ensina o que devemos amar e como devemos amá-lo, isto é, Deus e o homem por amor de Deus. O primeiro Adão fez sua desgraça e a de toda a sua posteridade violando essa lei primordial; o segundo Adão faz nossa felicidade chamando-nos a essa doce lei de amor.

Pelos preceitos negativos, o Salvador protege nosso coração contra todo amor usurpador. Tudo o que pode ser objeto de uma legítima afeição, a vida de nosso corpo e a vida de nossa alma, a paz das famílias, a santidade do laço conjugal, nossas propriedades, nossa própria reputação, ele o cerca de uma barreira muito mais sagrada que todas as leis humanas.

Daí esta verdade, infelizmente tão pouco compreendida: cada um dos mandamentos de Deus é um benefício, uma garantia de felicidade, mesmo na terra[4]. Tal é, repetimo-lo, o ponto de vista soberanamente justo sob o qual se deve encarar esse código divino. Que há de mais importante? Não é, ai!, por se haver habituado a considerá-lo como um jugo penoso que tantos infelizes o pisam aos pés? Não, homens enganados, o Decálogo não tolhe vossa liberdade, aperfeiçoa-a; não entrava vossa marcha, regula-a; não embaraça vossos pés, firma-os e ilumina-os[5].

Um viajante avança para uma cidade magnífica onde o espera, com sua família bem-amada, uma brilhante fortuna. Entre ele e a cidade desejada há um abismo sem fundo. Espessas trevas cobrem o caminho. Ele mesmo está sem guia, sem facho. Sobre esse abismo só há uma simples prancha,

estreita, vacilante: é necessário que passe por ela. O infeliz está muito sujeito a dar passos em falso; numerosas e deploráveis quedas o provam demais.

Pois bem, dizei-me: se um guia caridoso viesse tomar esse viajante pela mão; se erguesse de cada lado dessa fatal prancha duas fortes barreiras; se nela suspendesse brilhantes fachos, de sorte que fosse impossível ao viajante cair no precipício, a menos que derrubasse voluntariamente esse duplo parapeito, olharíeis essas barreiras como entraves, esses fachos como uma injúria, todas essas precauções como um mau serviço prestado ao viajante? Mereceria o guia caridoso o nome de tirano por lhe ter dado a mão, por ter prevenido suas quedas e assegurado o êxito de sua viagem?

A aplicação é fácil: esse viajante que se extravia e tropeça é o homem na terra. Essa cidade bem-aventurada onde o esperam a fortuna, a glória, uma família querida é o Céu. O negro abismo é o inferno. A prancha estreita, frágil, vacilante é a vida. O guia caridoso é Deus. As barreiras erguidas de cada lado da fatal prancha e os fachos nelas suspensos são os mandamentos do Senhor.

Que depois disso o homem cego diga que o Decálogo é um entrave à sua liberdade; quanto a nós, ó meu Deus!, diremos sempre que ele é o guia e o sustentáculo, por conseguinte um de vossos maiores benefícios; e, para não cairmos no precipício sem fundo, guardar-nos-emos bem de jamais quebrar essa barreira salutar.

Assim como, crendo no Símbolo, nosso espírito se une ao novo Adão, assim, recebendo o Decálogo, nosso coração se une a ele e toma logo inclinações todas divinas. O novo Adão se torna o princípio, o guia, a vida de seus afetos; sob esse aspecto ainda, o homem regenerado pode dizer: Já não sou eu, eu filho do velho Adão, quem vive; é Jesus Cristo que vive em mim[6]. Doravante, nele como no Homem-Deus, permanecem dois amores, o amor de Deus e o amor do próximo; e esses dois amores, não fazendo senão um, reconduzem-no à unidade e à santidade primeira do estado de inocência.

Volumes inteiros não bastariam para expor tudo o que esse Decálogo encerra, para os povos e os indivíduos, de riquezas, de glória, de bem, ai!, tão pouco conhecido e tão indignamente violado nos dias maus em que vivemos.

Como o amor humano se degrada! Nações modernas, tomai cuidado: já destes mais de um passo rumo ao paganismo. Imprudentes, ao pisar aos pés o Decálogo, base sagrada de vossa antiga glória, trabalhais para a vossa ruína.

Depois de explicar a natureza, a necessidade e as condições de nossa união com o Redentor, resta saber que fim o Verbo de Deus se propôs ao unir-nos tão estreitamente a si. Ele mesmo nos responde: Vim para fazer-vos viver de minha vida na terra e no céu[7].

Esse grande médico, descido do céu porque um grande doente jazia na terra, não se contentou em derramar um bálsamo salutar sobre as chagas do gênero humano; não se contentou nem mesmo em recolocá-lo no caminho e dizer-lhe: Anda. Como a águia real que ensina a seus filhotes a voar voando ela mesma diante deles, essa Águia divina tomou seu voo para o céu em presença do homem, a fim de ensinar-lhe a segui-la. Em sua paternal bondade, quis atravessar as diferentes

idades, percorrer todos os caminhos, achar-se em todas as situações por onde o homem pode passar, a fim de santificá-las como santificou todos os elementos, e de ensinar o homem a santificá-las ele mesmo.

O novo Adão é, pois, nosso modelo obrigatório, modelo de todas as idades, de todos os estados e de todas as condições; pois o Cristo é o Homem. O céu, diz-nos o Apóstolo, ficará eternamente fechado a quem não for a cópia do Redentor[8].

Modelo de nossa vida interior, é por ele que se devem conformar os juízos, os afetos, os desejos, os pensamentos de todos os homens: Que pensou, que amou o novo Adão? Tal é a infalível pedra de toque de todos os pensamentos e de todos os afetos humanos. Oh! quanta filosofia nesta só palavra!

Modelo de nossa vida exterior, e sua vida se resume em poucas palavras: *«Elle tudo tem feito bem»*[9];

Modelo dos inferiores, e sua vida se resume em poucas palavras: *«estava á obediencia d'elles»*[10].

Modelo dos superiores, e sua vida se resume em poucas palavras: *«andou fazendo bem»*[11];

Modelo de todos os que sofrem, inferiores ou superiores; e sua vida se resume em poucas palavras: *«Assim he, Pai: porque assim foi do teu agrado»*[12].

Receando que as gerações futuras esquecessem seus exemplos ou cressem falsamente que só diziam respeito a certos séculos ou a certos lugares, o novo Adão estabeleceu-se perpetuamente na Eucaristia. Habitante das cidades e dos campos, de todos os climas e de todos os séculos, repete de seu tabernáculo, e repetirá perpetuamente a todas as gerações que vierem a este mundo, as lições que deu na Judeia; oferece os mesmos exemplos que ofereceu há dezoito séculos e repete as mesmas palavras de que ressoaram as margens do Jordão: *«Toma bem sentido, e faze tudo conforme o modelo, que te foi mostrado no monte»*[13].

Santidade no tempo, felicidade na eternidade: tal é o fim de nossa união com o novo Adão; união deliciosa e sublime que, transformando o homem em Deus, devolve ao gênero humano sua perfeição primitiva, mas união que, durante a duração de nossa prova terrestre, pode ainda, ai!, ser rompida.

Como nomear sem estremecer esse mal pavoroso que sozinho pode aniquilar, a respeito de cada um de nós, o benefício da redenção, separar-nos para sempre do novo Adão e, fazendo-nos sair da vida mais culpados do que nela entramos, fixar nosso lugar entre o demônio e seus anjos? Esse mal espantoso, esse mal único de Deus e do homem, essa obra de Satanás, é o pecado.

Revolta, ingratidão, profanação, ódio de Deus, inconcebível demência, fonte de vergonha e de torturas, causa de todas as catástrofes do tempo e de todos os suplícios da eternidade, o pecado é tudo isso; pois é, e é o único a ser, a inversão da ordem, já que, ao pôr o homem no lugar de Deus, põe em cima o que deve estar embaixo, e embaixo o que deve estar em cima. Há seis mil anos que a implacável justiça de Deus persegue o pecado onde quer que o encontre, não poupando nem

o anjo, nem o homem, nem os indivíduos, nem os povos, nem os reis, nem as sociedades culpadas. E nós não pensamos nisso! E, por uma inversão que prova a profundidade de sua queda, o homem bebe o pecado como a água e, depois de bebê-lo, dorme tranquilo! Possais ao menos vós, que lerdes estas linhas, não partilhar tão cego estado e, fiéis à religião cuja certeza e benefícios começamos a revelar-vos, viver de tal sorte que se possa dizer de vós: Este homem só teme o pecado. Nenhum outro elogio iguala este.

Notas

[1] Citado acima.

[2] Hæc est enim charitas Dei ut mandata ejus custodiamus : et mandata ejus gravia non sunt. — 1 Jo 5, 3.

[3] Expressão dos livros zendos.

[4] Tollite jugum meum super vos... jugum enim meum suave est, et onus meum leve... et invenietis requiem animabus vestris. — Mt 11.

[5] Lucerna pedibus meis verbum tuum. — Sl 118.

[6] Conformitas cum Verbo in charitate maritat animam Verbo. — S. Bernardo, Serm. 83, in Cantic.

[7] Ego veni ut vitam habeant et abundantius habeant. — Jo 10, 10. — Ut ubi sum ego et vos sitis. — Id., 17.

[8] Rm 8, 29.

[9] Mc 7, 37.

[10] Lc 2, 51.

[11] At 10, 38.

[12] Mt 11, 26.

[13] Ex 25, 40.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:23 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:23 by Admin